



Desde Macondo até Maxambombo

Fernando Santiago-Canoeiro

Um homem branco marcha em direção ao seu carro. Leva junto um garoto de aproximadamente 10 anos. O dia estava quente, mas naquele lugar, debaixo das árvores no estacionamento do Centro de Saúde da Família, no Setor Leste Universitário, o clima estava bem mais aprazível. O menino acabara de ser vacinado. Empunhava um pedaço de algodão e vinha caminhando logo atrás de seu pai.

* * *

A porta do meu carro estava aberta. Aproveitei para ficar lendo enquanto Mila tomava vacina. A fila estava ampla. Delongaria tempos para chegar a vez dela. Bem que poderia ficar ao seu lado (Afinar, num sô home fresco, diria Carmo Bernardes), mas não era aconselhável ficar respirando ares cheios de outros ares. Enfim, os casos da doença da “vaca louca” continuam acendendo. Mesmo entre pessoas bem

vacinadas, isto é, com duas, três e até quatro doses, ainda assim, tem gente nascendo rabo e até chifres com as novas variantes.

Ajustamos que ficaria no carro. Arriscarei ler um pouco. Peguei o livro e recomecei onde tinha estacado. Mas não era nada fácil, pois sempre surgiam pessoas falando alto (nos goiás, o povo adora o falar alto, sobretudo quando quer aparecer que tem poder). Um primeiro reclamava ao telefone, melhor, no smartphone (assim fica mais moderno). Chegara cedo, mas estava há duas horas na expectativa. A bicha (como dizem os portugueses) não andava.

* * *

- Quero tomar qualquer vacina, menos a “corona-china” dizia outra mulher. “- Essa vem com chip dos comunistas. É feita de encomenda prá gente errar na hora do voto. A visão fica turva e você acaba votando no 13”.

Outra mulher contestou, mas disse apenas que tomaria o que apresentasse. O importante era ficar viva e sem o risco de contrair o mal da vaca louca. Não queria viver como um bicho e menos ainda terminar seus dias se definhando em uma maca com um monte de mangueiras enfiada na boca.

* * *

Na barulheira, continuei acompanhando o zum zum zum. A fila percorria vagarosamente. O agente que acompanhava a organização da fila fazia pouco. Só olhava, vez ou outra tentava acalmar a impaciência. - Ninguém precisa se preocupar, aqui temos todas as vacinas.

A fila se alongava porque agora a molecada também podia tomar vacina. Além deles, conforme me falou a Mila, também estava franqueada para os velhinhos e as velhinhas de todas as idades (- Então já posso! disse ela). - Vou lá, você fica aí. É mais seguro que ficar na aglomeração.

* * *

Fiquei bem longe da turba (como se diz nos livros do Machado). Nada de extraordinário. Tento ler algumas páginas do livro “Santa Rita”, um romance rural. Nele, Carmo Bernardes conta sobre as minúcias da vidinha do campo. Um lugarzinho de nada, mas que estranhamente se espalhou por todo o mundo rural e, já sabemos, chegou até às grandes cidades.

Ele fala do antigo Goiaz, quando ainda se elegia presidentes (só depois de muito tempo é que passou a eleger governadores). Isso era no tempo que Goiás também era um só e o Jalapão, nas terras de Tocantins, estavam todos dentro de uma fronteira só.

* * *

A fila tarda. Pouca gente trabalhando na vacinação. Como em todos os lugares do mundo moderno, as pessoas leem seus “smartphones”. Ficam mais tranquilizadas, pois vão-se longas horas e elas conseguem, além de ficar na fila, resolvem um monte de coisas. Além de tudo, acompanham os tuites, as fotos do Instagram, as postagens do Facebook, as mensagens do WhatsApp. E agora, as boas novas, ainda tem um monte de aplicativos para tudo quanto é coisa: – vai tomar vacina – baixe o aplicativo “minhas vacinas”; vai viajar, baixe o “viajante” e em um minuto o mundo inteiro estará no seu smartphone; saiba tudo sobre suas contas no aplicativo “Conta limpa”. Vagarosamente as pessoas se afundam nas telas do smartphone. No mundo moderno, só quem é muito aplicado consegue sobreviver.

* * *

Não estou na fila, mas ela está quase me pegando pela rabeira. Permaneço no carro. A vida de Santa Rita segue seu rumo. A agora vi que a nova professora que chegou para assumir a escola no vilarejo da estória, a Philomena, escandaliza a cidade. Percebi, então, que desde lá, já chamam pelos bastidores, as professoras de vagabundas. Mas a Philomena não dá arrego e segue sua vida.

O mundo rural do mandonismo impera desde sempre. O povo tem medo de quem tem dinheiro. É assim em todo lugar. Desde Santa Rita, para o mundo rural dos coronéis, movimento de pessoas para defender seus direitos devem sempre ser tratados na base da bala.

Tal qual em Macondo, a aldeia rural do livro de Gabriel Garcia Marques – Cem anos de solidão -, também em Maxambombo, na aldeia de Santa Rita, os coronéis sonham em fazer chover balas de todos os tipos. O coronel, seo Zezão Vigilato, detesta pessoas como Mané Baiano. Diz o coronel, “seo Mané Baiano é preto que não vale nada, fica só atijando a sua pretaiada com essa estória de associação”.

Em Macondo o povo não resistiu. Os fundamentos do rural mandonista se espalharam. Sinto que a mesma coisa vai se espalhando, cidade por cidade, no mundo moderno. Santa Rita (não a santa, mas o pensamento rural dominante) bate às nossas portas aqui no Setor Leste Universitário. Está em cada rua, cada esquina, em cada aplicativo, mas também nas prateleiras dos supermercados nos pacotes de “proteína animal” da JBS, “nos pacotes de proteína de soja” do agronegócio ou nas palavras da juíza (“Suportaria ficar mais um pouquinho?”) que negou os direitos para uma menina de 11 anos obrigando-a ser mulher-adulta-mãe-responsável quando sequer pode ser criança.

* * *

A fila vai andando. Sei que anda, porque algumas pessoas vão caminhando e segurando pedaços de algodões presos aos seus braços. Entre eles, o garoto acompanhado de seu pai. O homem branco de cabelo raspado, sem cerimônias, abre a porta para o menino entrar. Mas o garoto replica: - Não pai, vou atrás! “Mas que moleque besta! Então tá, vai atrás. Devia ter nascido com uma buceta entre as pernas, prá ser tão froxo”.